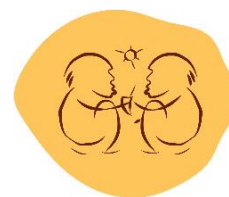


Universal e Singular:

em Discussão a Abordagem Científica do Regional¹



Gilberto Luiz Alves²

Quando educação e cultura são discutidas, quase sempre a expectativa geral é a de que o debate seja centrado sobre a nossa realidade; sobre aquilo que nos singulariza. A questão assim considerada já contém uma dificuldade, pois essa concepção de realidade admite a sua atomização. Destituída de unidade, tal concepção sugere a possibilidade de coexistência de diversas realidades em contraposição ao que tem existência concreta: a realidade humana³.

O fato de admitir a unidade da realidade humana não exclui o reconhecimento de seu caráter complexo e multifacetado. O que se postula, se considera a questão nas suas consequências práticas, é que não há realidade sul-mato-grossense, ou realidade brasileira, ou realidade latino-americana, ou realidade do negro, ou realidade do índio, etc. Essas formulações, ao darem autonomia a aspectos isolados da realidade humana, elidem tanto a sua unidade quanto a sua complexidade.

As consequências desse tipo de análise excludente têm sido graves. No caso de Mato Grosso do Sul, por exemplo, há aqueles estudiosos que, equivocadamente, têm expressado a preocupação de, sobretudo, desvelar os traços culturais e educacionais

¹ (Versão Atualizada em 29.05.2020). Trabalho apresentado no III Seminário Nacional do Histedbr, realizado na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, SP, entre 15 e 17 de novembro de 1995, e no III Congresso Iberoamericano de Historia de la Educacion Latinoamericana, realizado na Universidad Central de Venezuela, Caracas, de 9 a 14 de junho de 1996. Como capítulo de livro foi publicado em ALVES, Gilberto Luiz. **Mato Grosso do Sul: o universal e o singular**. Campo Grande, MS: Ed. UNIDERP, 2003, p. 17-29.

² Doutor em Educação pela UNICAMP. Professor aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera-UNIDERP.

³ "O homem não tem nenhum direito especial pelo fato de pertencer a uma ou outra raça: diga-se homem, e já se dizem todos os direitos. O negro, por ser negro, não é inferior nem superior a nenhum outro homem: peca por redundante o branco que diz: 'minha raça', peca por redundante o negro que diz: 'minha raça'. Tudo o que divide os homens, tudo o que os especifica, os afasta ou os encurrala, é um pecado contra a humanidade."

MARTÍ, José. **Nossa América**. São Paulo: Hucitec; Associação Cultural José Martí, 1983, p. 229.

típicos do espaço regional. Essa orientação tem-se revelado extremamente prejudicial porque ao buscar o entendimento do que somos, ao buscar a nossa especificidade, tem enfatizado exclusivamente o que nos diferencia. Assim, o universal deixa de ser parâmetro. O critério excludente, por esse motivo, termina por se revelar cientificamente insuficiente, por fundamentar, tão somente, formulações preconceituosas e pseudocientíficas. Nessa ótica, quase sempre, os trabalhos produzidos acabam sendo manifestações de um regionalismo estreito e estéril.

O senso comum, igualmente, reforça o preconceito e a discriminação. Denota esse fato a trivialidade com que, no cotidiano de nossas fronteiras, se dá a repetição reiterativa de expressões verbais reveladoras de estereótipos arraigados. Para efeito de ilustração, sempre que um brasileiro toma uma atitude considerada pouco inteligente ou demonstra apego ao ócio, seus compatriotas fronteiriços o estigmatizam por meio de designações como “paraguaio” ou “boliviano”. Paraguaio e boliviano também não perdem a oportunidade de nos identificar como “imperialistas brasileiros”. Em resumo, os estudos que caem no regionalismo e certos estereótipos do senso comum negam as identidades que nos marcam, a nós e a nossos vizinhos; cavam um fosso, reforçando, portanto, o estranhamento⁴ entre povos.

O caminho eleito nesta análise é inverso ao daquele trilhado pelo regionalismo e pelo senso comum. Tentaremos discutir o que nos aproxima, em especial o que nos identifica com os nossos vizinhos latino-americanos. Se, no processo de formação histórica das nações latino-americanas foram construídas representações ideológicas que provocam o estranhamento entre elas, procuraremos evidenciar, em oposição, que as linhas gerais de tal processo são comuns, daí a irracionalidade dessas construções ideológicas.

O próprio processo de colonização das Américas serve como um expressivo argumento em favor da tese referente à unidade da formação histórica do Novo Mundo. Esse processo, financiado pelo capital mercantil de origem europeia, submeteu a terra aos reclamos da produção capitalista. Isto é, o capital plasmou a produção, nas Américas, à sua imagem e semelhança. Produção de gêneros agrícolas em grande escala; surgimento

⁴ Estranhamento aqui é tomado na sua acepção usual, que se expressa pela ideia geral que indica afastamento, distanciamento e obstáculo à comunicação. Aurélio Buarque de Holanda, no dicionário ao qual empresta o nome, lhe atribui um conjunto de significados convergentes que reforçam essa ideia geral. Entre outros significados do verbo estranhar, são listados: *achar extraordinário, oposto aos costumes, ao hábito; achar diferente do que seria natural esperar-se; causar espanto; achar censurável; não se conformar com; não se familiarizar com; tratar com esquivança, com descortesia; manifestar timidez em presença de, ou repulsão a; esquivar-se; afastar-se e desavir-se, entrando em luta.*

de manufaturas avançadas, como os engenhos de açúcar, eram soluções impensáveis numa Europa cujas terras ainda eram dominadas, em grande parte, por uma produção de caráter feudal voltada à subsistência. Dessa forma, no Novo Mundo as relações de produção no campo já nasceram com o sinete do capital⁵. Eis uma especificidade das Américas, que as distingue da Europa. Ao mesmo tempo, essa especificidade unifica as experiências de colonização empreendidas por Portugal e Espanha nessa região que estava sendo incorporada ao mercado capitalista.

No âmbito das superestruturas, por seu turno, enquanto na Europa ocorriam movimentos culturais avançados, resultantes e expressões do combate dirigido contra a decadente sociedade feudal — a exemplo do *Humanismo e da Reforma* —, o que se difundiu na América Latina foi a reação encetada pela Igreja Católica contra esses movimentos. Falamos da *Contrarreforma*, no interior da qual a Companhia de Jesus nasceu e tornou-se força de vanguarda. Movidos por férrea disciplina, os jesuítas dominaram a educação e as manifestações culturais no Brasil e em toda a América Espanhola. Eis mais um ponto de identificação entre os povos latino-americanos.

Mas outra consideração se impõe: verifica-se que também a inserção da Companhia de Jesus na base material na América foi idêntica, tanto nos domínios lusitanos como nos hispânicos. Essa inserção deve ser contraposta ao que ocorreu na Europa. Lá a Companhia assegurava a sua reprodução por meio dos dízimos dos fiéis e, principalmente, através dos frutos de suas terras, cultivadas por servos, segundo relações feudais de produção, portanto. Aqui, na América, as terras que os jesuítas progressivamente açambarcaram estavam voltadas para a produção de mercadorias, o que determinou a inserção capitalista dessa ordem religiosa na base material no Novo Mundo⁶.

⁵ "A colônia é a esfera de ação direta e exclusiva do capital em suas várias fases de desenvolvimento. Quanto mais ele avança, em termos mundiais, no processo de expropriação e centralização de todos os meios de produção, transformando-os em capital, mais se acelera a conversão de todos os produtores em produtores de mais-valia. Nesta evolução a colônia tem, paradoxalmente, o primado, pois é nela onde o capital pode criar as condições ideais de reprodução. Nesta fase de desenvolvimento das relações capitalistas de produção a escravidão não é somente condição ideal, mas necessária do processo de acumulação e centralização. Em certa medida, o escravismo colonial, ou o sistema colonial, é a alavanca mais potente do novo modo de produção."

FIGUEIRA, Pedro de Alcântara; MENDES, Claudinei M. M. Estudo preliminar. In: BENCI, Jorge, S.I. **Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos**. São Paulo: Grijalbo, 1977, p. 16.

⁶ "Os jesuítas utilizavam seus bens de vários modos. Em suas fazendas cultivavam uma ampla variedade de lavouras indígenas e europeias. Entre aquelas, as mais importantes eram mandioca, arroz, algodão e tabaco; entre as últimas estavam diversos tipos de legumes, frutas cítricas e trigo. A produção destinava-se principalmente ao sustento dos padres e seus pupilos, mas os excedentes eram vendidos a pessoas estranhas à ordem. O mercado primário para a lavoura mais lucrativa dos jesuítas, a cana-de-açúcar, era

Consequências superestruturais certamente ocorreram, por força dessa determinação material, operando contra as intenções reacionárias que estiveram na origem dos jesuítas. Se investigações se fazem necessárias para inventariar essas consequências, por ora pelo menos alguns de seus indicadores podem ser vislumbrados. O exemplo do Pe. Antonio Vieira é ilustrativo. Nascido em Lisboa, a 06.02.1608, migrou para o Brasil aos seis anos de idade. Estudou no colégio jesuítico da Bahia. Em 1623 ingressou na Companhia de Jesus, ordenando-se sacerdote em 1634. Excepcional orador sacro e professor de retórica, este jesuíta ainda se destacou na atividade política, conspirando em favor da *Restauração*. Pelo seu tirocínio e capacidade de articulação, tornou-se importante quadro da diplomacia portuguesa no reinado de D. João IV. Nessa condição, realizou gestões visando possibilitar a volta de judeus portugueses, que haviam migrado para outras regiões da Europa. Pode parecer surpreendente o fato de um jesuíta, em pleno século XVII, pugnar pelo retorno de judeus a Portugal, esgrimindo uma argumentação eminentemente pragmática. É que essa volta poderia representar uma expressiva injeção de capitais na combalida economia portuguesa, recém-saída da dominação espanhola. Ao lutar pelo retorno de judeus a Portugal, Vieira lutava, de fato, para que uma expressiva parcela da antiga burguesia mercantil lusitana retornasse ao País, mesmo sendo ela constituída por um povo alvo das calúnias e maquinações da Inquisição portuguesa⁷. Após a morte de D. João IV, Vieira viu-se privado de proteção.

naturalmente o reino. Embora tivessem começado a cultivar a cana logo depois de terem chegado no Brasil, os jesuítas só adquiriram seu primeiro bangüê em 1604, quando se construiu o engenho Camamu na Bahia em local escolhido pelo Padre Fernão Cardim. O engenho foi destruído pelos holandeses em 1640, mas os padres continuaram a adquirir outros grandes bangüês, por doação (como no caso do famoso Sergipe do Condé) ou por compra (por exemplo, o engenho Pitanga, também na Bahia), até que cada um dos colégios mais importantes pôde retirar parte de sua renda de uma ou mais plantações de cana. Pelos meus cálculos, os jesuítas tinham ao todo dezessete canaviais, cada um equipado com um ou mais engenhos, ao tempo de sua expulsão. Essas instalações compreendiam não só moendas e outros maquinismos relacionados com o fabrico de açúcar mas também destilarias de aguardente, forjas, tanoarias, olarias e oficinas de tecelagem, e, em alguns casos, estaleiros aptos para construir embarcações que, quanto ao tamanho, iam desde as canoas amazônicas até às sumacas de navegação marítima. Além das lavouras de subsistência e dos canaviais, cada colégio também possuía muitas fazendas de criação que produziam principalmente leite e gado para o corte, afora cavalos, porcos, ovelhas, cabras e aves de quintal. Ao tempo do confisco havia, por exemplo, 16.580 cabeças de gado na fazenda do colégio ao norte do Rio de Janeiro, um total avaliado em 32.000 cabeças distribuídas por trinta criatórios no Piauí, e mais de 100.000 reses nos sete estabelecimentos da ilha de Marajó."

ALDEN, Dauril. Aspectos econômicos da expulsão dos jesuítas no Brasil: notícia preliminar. In: KEITH, Henry; EDWARDS, S.F. **Conflito e continuidade na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, p. 35-6.

⁷ "Enfim, Senhor, Portugal não se pode conservar sem muito dinheiro, e para o haver, não há meio mais eficaz que o do comércio, e para o comércio não há outros homens de igual cabedal e indústria aos de nação.

Foi, então, duramente perseguido pela Inquisição como decorrência de sua postura tolerante e pragmática em relação aos *descendentes dos algozes de Cristo*.

Importa reforçar que Vieira, ligado a uma ordem religiosa que emergira no interior da Contrarreforma com o claro sentido de dar combate ao novo, postula, paradoxalmente, por uma orientação política que se coloca, no Brasil, na perspectiva burguesa mais avançada, do novo, portanto. Este jesuíta não é um caso isolado. Pode ser lembrado, também, Antonil, autor de **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**⁸. Por certo, entre os quadros da Companhia de Jesus nem todos assumiram, nas Américas, uma prática política marcada por posições tão avançadas e incisivas quanto a dos dois personagens citados. Como exemplos limites, porém, Vieira e Antonil ilustram e reforçam a tese aqui defendida: *a inserção capitalista da Companhia de Jesus na base material do Novo Mundo, antagonizando-se com a razão de ser de sua origem feudal e com a sua tarefa histórica reacionária, cria as condições objetivas para que seus membros defendam ideias identificadas com a postura burguesa, que revolucionava o mundo feudal*.

A especificidade apontada é um elemento de distinção entre os padres jesuítas que atuavam na América e os que atuavam na Europa. Contudo, frise-se, foi um traço comum aos jesuítas que exerciam seu ministério nos domínios de Portugal e Espanha no

Admitindo-os Vossa Majestade, poderá sustentar a guerra de Castela, ainda que dure muitos anos, como vemos no exemplo dos Holandeses, que, fundando a sua conservação na mercancia, não só têm cabedal para resistir, como têm resistido a todo o poder de Espanha, mas para senhorear os mares e conquistar províncias em todas as partes do mundo.

Por falta de comércio se reduziu a grandeza e opulência de Portugal ao miserável estado em que Vossa Majestade o achou, e a restauração do comércio é o caminho mais pronto de a restituir ao antigo e ainda mais feliz estado.

E se o Castelhana, para reduzir Portugal a província e lhe quebrantar as forças, tomou por arbítrio retirar-lhe os mercadores e chamar para as praças de Castela os homens de negócio, chame-os Vossa Majestade e restitua-os a Portugal, que não pode ser razão de estado para a nossa restauração e conservação, o continuar e ajudar os mesmos meios que escolheram os nossos inimigos para a nossa ruína.

E porque são duas as causas que desnaturalizaram deste Reino os homens de negócio - ou as culpas de que estão acusados na Inquisição ou o receio do estilo com que as cousas da Fé se tratam em Portugal -, para que com segurança possam tornar para ele, Vossa Majestade lhes deve dar sua real palavra de procurar admitir o perdão que eles alcançaram do Papa acerca do passado, e para o futuro a moderação do rigor que Sua Santidade julgar ser mais conveniente se guarde nas Inquisições deste Reino, como se tem feito em outros da Cristandade, principalmente no de Castela."

VIEIRA, Pe. António. Proposta feita a El-Rei D. João IV, em que se lhe representava o miserável estado do Reino e a necessidade que tinha de admitir os judeus mercadores que andavam por diversas partes da Europa. In: **Obras Escolhidas**. Lisboa: Livr. Sá da Costa Editora, 1951, t. iv, p. 14-5.

⁸ ANTONIL, Andre João. **Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas**. Paris: Universidade de Paris, 1968. 627 p. (Trabalhos e memórias do Instituto de Altos Estudos da América Latina, 21).

Novo Mundo. Desvela-se, assim, mais um traço de identidade que aproxima luso-brasileiros e hispano-americanos.

Também a expulsão da Companhia de Jesus se deu quase concomitantemente nos impérios coloniais de Portugal e Espanha, durante a segunda metade do século XVIII, quando avançava no interior da Igreja Católica um processo de corrosão de seus fundamentos feudais.

Outro indicador de identidade, neste caso referente a ocorrência recente, foi o cultivo da *doutrina de segurança nacional*, que vicejou nas décadas de sessenta e setenta. Segundo ela, os inimigos da nação deveriam ser buscados no seu próprio interior. A questão nodal da segurança já não se reduziria à preservação das fronteiras contra inimigos externos, mas se expressaria na necessidade de eliminação dos focos de resistência internos, que colocavam em perigo o domínio do capital. Foi em tal contexto que as ditaduras instaladas no Brasil, na Argentina, no Uruguai e no Chile, principalmente, deram caça aos inimigos desses regimes, independentemente de suas nacionalidades.

E já que estamos falando dessa força determinante, representada pelo capital, entendemos que foi ele que operou, de forma idêntica, tanto no Brasil como na América Espanhola, políticas em relação aos índios, aos negros e aos imigrantes europeus.

Os colonizadores portugueses e espanhóis pressionaram para que os indígenas se transformassem em mão-de-obra escrava e, para tanto, contaram com a decisiva contribuição da catequese jesuítica. Desfigurados culturalmente, os índios também foram dizimados fisicamente desde o século XVI. São inúmeros os registros desse massacre, do qual o de Bartolomé de Las Casas⁹ é um dos primeiros e um dos mais candentes. O contato com os colonizadores brancos representou, para os indígenas, o acosso de uma força descomunal, contra a qual não teriam condições de combater: o capital. Do choque resultou a diluição da cultura indígena no interior da cultura burguesa emergente. Essa diluição implicou uma transformação radical das funções dos objetos e instrumentos produzidos pelos indígenas. A cerâmica, bem como o arco e a flecha, vendidos nas estradas e em lojas especializadas em artesanato indígena, já não servem à preservação de alimentos nem à caça ou à pesca. São, basicamente, *mercadorias* que permitem ao “artesão” adquirir, no mercado, as demais *mercadorias* que, sob as novas condições hegemônicas pelo capital, asseguram a sua subsistência.

⁹ CASAS, Frei Bartolomé de Las. **O paraíso destruído**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1984. 150 p. (Visão dos Vencidos).

Os negros, por sua vez, foram importados na condição de mercadorias e, em solo americano, criaram riquezas como o açúcar, o ouro, a prata e o café (em especial nos primórdios de sua exploração).

Quando a modernização dos meios de produção, como resultado ainda do impacto da revolução industrial, expulsava os trabalhadores dos campos na Europa, em meados do séc. XIX, foi também o capital que articulou a imigração desses excedentes de força de trabalho para as Américas e outras regiões do mundo.

O capital comandou, como se depreende, desde as suas origens, o processo histórico nas Américas. Capital e processo, no caso, não podem ser dissociados. O capital, além de elemento inerente ao processo, foi o seu elemento mais essencial, daí tê-lo hegemonizado e direcionado o seu movimento. A especificidade maior de tal processo, portanto, foi dada pela própria especificidade do capital, expressa no seu caráter universal. Logo, foi a produção de excedentes, isto é, a produção de mercadorias, a relação social que determinou o processo histórico-cultural latino-americano. Alguns podem entendê-la como uma determinação externa. Mas isto é só aparência, produzida pelo fato de o epicentro da acumulação capitalista ter estado localizado no hemisfério norte. Não pode ser tergiversado o fato de que ocorreu, desde os primeiros instantes de nossa colonização, algo que nos particulariza: o nosso processo de desenvolvimento sempre esteve regido pelo capital, o que representou formidável impulso para que o modo de produção capitalista se impusesse plenamente em escala universal. Este traço nos diferencia da Europa que, para impor o domínio do capital sobre a produção, foi obrigada a combater e superar os obstáculos feudais.

Mesmo assim, o processo histórico não homogeneizou as nações americanas. As mesmas variáveis operaram de forma diferenciada em distintas regiões. Os impérios asteca e inca, expressões da sociedade escravista nas Américas, resistiram mais tenazmente ao processo de aculturação imposto pelos europeus do que as tribos que ainda se encontravam em estágios compreendidos no interior da comunidade primitiva. Os negros foram importados em maiores quantidades para o nordeste do Brasil, para Cuba e São Domingos, em função das demandas de força de trabalho geradas pelos engenhos de açúcar. As regiões mineiras do Brasil também atraíram contingentes significativos de mão-de-obra escrava de origem africana. Imigrantes europeus de diversas origens se destinaram desigualmente para diferentes regiões das Américas.

Internamente aos países latino-americanos ocorreu, ainda, intensa mobilidade espacial das etnias.

No caso do Brasil, por exemplo, o café, nos primórdios de sua exploração, determinou a transferência de uma boa parte da população negra do Nordeste para as plantações do Vale do Paraíba. Intenso caldeamento cultural também ocorreu em regiões fronteiriças, onde os limites geográficos entre nações não têm sido nada além de “*linhas imaginárias*”. Mato Grosso do Sul presta-se a um exemplo ilustrativo nesse sentido, tanto na fronteira com o Paraguai como na fronteira com a Bolívia. Paraguios, predominantemente descendentes dos guaranis, foram tangidos para a região sul, nos albores de sua colonização, e aí constituíram o contingente de força de trabalho que fez a riqueza dos ervais, dos quebrachais e das fazendas de criação. Para essa região também foram destinados retirantes nordestinos fustigados pelas secas. Essas vidas secas, despojadas de tudo à exceção do sonho de Fabiano¹⁰, tornaram possível a consolidação de experiências como a Colônia Federal de Dourados. Mais recentemente, a expulsão dos trabalhadores dos campos, no sul do Brasil, os empurrou para dentro do Paraguai¹¹. São contingentes desses trabalhadores que, sem ter tido acesso à propriedade da terra, buscam encetar um movimento de retorno ao Brasil. São eles os *brasiguaios*. Em Corumbá, os bolivianos vinham representando uma reserva de força de trabalho barata e espoliada de direitos sociais, que alimentava, principalmente, o setor econômico de comércio e serviços do município. A mudança do quadro econômico determinou o refluxo dessa tendência fazendo emergir uma outra de sentido contrário. A estagnação material de Corumbá tem assistido, presentemente, a um processo muito distinto do outro lado da fronteira. A injeção de capitais em Puerto Suarez, Quijarro e Arroyo Concepción tem

¹⁰ “Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles. Sinhá Vitória esquentava-se. Fabiano ria, tinha desejo de esfregar as mãos agarradas à boca do saco e à coronha da espingarda de pederneira.

Não sentia a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas alpercatas, o cheiro de carniças que empestavam o caminho. As palavras de Sinhá Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de Sinhá Vitória, as palavras que Sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o Sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos.”

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 37. ed. Rio de Janeiro: Record, (1977), p. 134.

¹¹ Essa entrada de força de trabalho de origem brasileira no Paraguai se fez acompanhar de seu antípoda: empresários brasileiros têm adquirido vastas extensões de terras nesse país.

mobilizado força de trabalho, bem como capitais brasileiros, inclusive o pequeno capital corumbaense, para o lado boliviano da fronteira.

Logo, todas as diferenças realçadas são mais de grau; não são diferenças qualitativas. As especificidades das diferentes nações latino-americanas e mesmo de distintas regiões brasileiras, dessa forma, não são excludentes. Tais especificidades não são intrínsecas nem às nações nem às regiões, pois são especificidades determinadas pelo capital. Extrapolam, portanto, Mato Grosso do Sul, o Brasil e as demais nações latino-americanas. São essencialmente universais. Só assim pode ser tratada, conseqüentemente, a questão de nossas especificidades culturais; só nesse sentido, e exclusivamente nesse sentido, podemos falar em especificidades culturais.

Em última instância, o elemento determinante e hegemônico do processo de formação histórico-cultural das Américas foi o capital. Foi o capital que lhe deu direção e definiu suas estratégias. Exatamente quando se discutem as estratégias do capital é que começam a ganhar sentido os mecanismos ideológicos que cindem o movimento universal do desenvolvimento histórico e enfatizam as diferenças entre regiões e entre nações. Ideologias como o regionalismo, o nacionalismo e o terceiro-mundismo, bem como elaborações a exemplo da teoria da dependência, foram instrumentos importantes na produção e reprodução dessa cisão. Esses mecanismos ideológicos terminaram por exercer uma ação desagregadora sobre as relações dos povos latino-americanos. Como decorrência, tornam-se compreensíveis os comportamentos interpessoais que levam os homens de uma região ou de uma nação a desprezar ou a rejeitar os seus vizinhos. São comportamentos que ainda revelam o domínio desses mecanismos ideológicos sobre as consciências dos povos latino-americanos. É assim que devemos entender a tendência que busca, sob a aparência de trabalho erudito e científico, atribuir conteúdo às especificidades que configurariam diferente um determinado povo.

Cumprir destacar, como decorrência, que a historiografia tem operado, muitas vezes, no sentido de reforçar as representações ideológicas dominantes no senso comum. Também ela tem sido marcada pela tendência que reforça o estranhamento entre nós e nossos vizinhos, ao veicular ideias regionalistas, nacionalistas, terceiro mundistas, bem como concepções fundadas na teoria da dependência¹². Entendemos que essa situação é

¹² Precisa ser investigada e melhor dimensionada a contribuição da historiografia no sentido de alimentar o estranhamento entre os povos. Funcionam como elementos de desagregação estudos como os de Laino e de Cortêz que, mesmo ricos do ponto de vista empírico, deixam de denunciar, precipuamente, a exploração do capital. Ambos se deixam enredar pelos emaranhados das elaborações geopolíticas. Fazem emergir, em consequência, os antagonismos entre as nações em detrimento dos antagonismos de classes. Dão

sobremaneira crítica para aqueles que vivem nas confluências de fronteiras latino-americanas. Como decorrência, pesada tarefa cabe aos nossos cientistas sociais. Eles deverão desobstruir os canais por onde pode fluir o conseqüente conhecimento de nosso passado, destruindo os preconceitos, removendo as impressões pseudocientíficas e desarmando os artifícios ideológicos. Em especial, os cientistas de nossas universidades e de escolas de nível superior terão a difícil incumbência de, sob o entulho ideológico, começar a desvelar a identidade e as especificidades dos povos latino-americanos.

Mas, frise-se, o momento que a humanidade atravessa representa, por si só, uma denúncia viva contra formulações que intentem definir, no plano teórico, especificidades excludentes. Os povos mais avançados do mundo procuram o seu caminho pelas sendas da integração. A Europa unida já não é um sonho; é uma meta que os povos europeus estão

proeminência às políticas dos estados nacionais e silenciam sobre a estratégia determinante e universal do capital. O discurso resultante, por ser antiuniversal, termina por alimentar ódios e ressentimentos.

Laino, numa obra significativamente intitulada **Paraguay**: fronteras y penetración brasileña, assim define sua plataforma:

"(...) aquí se estudia la penetración brasileña. Se analizan situaciones concretas desde la extranjerización económica hasta la desidentificación o colonización cultural. Se estima la población brasileña dentro del Paraguay, el territorio de frontera y otros recursos naturales en poder de brasileños y el comercio fronterizo no registrado. Se indican algunas inversiones extranjeras - norteamericanas y japonesas, además de las brasileñas - que operan en las fronteras paraguayas. Igualmente, la invasión financiera y la operación de algunas grandes empresas agroindustriales y de otra índole ocupan un lugar en este trabajo. Por último, se analiza la actitud y la gestión del gobierno frente a los problemas de la penetración, y surge claramente que el régimen 'paruguayo' está empeñado en el desarrollo de una geopolítica de dependencia del Brasil."

LAINO, Domingo. **Paraguay**: fronteras y penetración brasileña. Asunción: Paraguay: Ediciones Cerro Corá, 1977, p. 8.

Não é substancialmente diferente o conteúdo de um trabalho de Cácia Cortêz que procura discutir os brasiguaios:

"A estratégia geopolítica de penetração e ocupação de fronteiras executada durante os governos militares, com a finalidade de prolongar seus domínios, somada à implantação do novo modelo agrícola, concentrador e excludente, com prioridade para a monocultura mecanizada, empurrou para o Paraguai milhares de agricultores brasileiros do Sul, na década de setenta.

Hoje os chamados brasiguaios, sem-terra e sem pátria, são calculados em torno de quinhentos mil. Ocupam as terras mais férteis, representam mais de oitenta por cento da população da fronteira paraguaia e quinze por cento dos eleitores. Sobrevivem como posseiros, meeiros, boias-frias, arrendatários e agregados, em condições de exploração e miséria.

A expressiva presença brasileira no Paraguai faz parte dos acordos firmados entre os dois países, nos quais o governo paraguaio paulatinamente foi cedendo a soberania do país em troca da 'modernização e desenvolvimento', oferecido pelos governos brasileiros desde Getúlio Vargas, passando por Juscelino Kubistchek e culminando com a assinatura do Tratado de Itaipú, em 1975, no governo de Geisel, que previa ocupar uma área de 121.889 quilômetros quadrados (33 por cento do território paraguaio) com 1.200.000 brasileiros (45 por cento da população do Paraguai). Assim, estava selada a entrega da soberania paraguaia ao subimperialismo brasileiro."

CORTÊZ, Cácia. **Brasiguaios**: os refugiados desconhecidos. São Paulo: Brasil Agora, s.d., p. 198-9.

realizando. As Américas e a Ásia também cultivam projetos no sentido de aumentar os espaços de convivência comum, tanto no plano econômico como no cultural.

Sintetizando, no âmbito das ciências humanas, a investigação científica deve gerar conhecimentos que evidenciem: a) a unidade cultural predominante entre os povos que vivem sob a égide do modo de produção capitalista, ele próprio a acabada expressão do universal, pois submeteu, sem exceção, as nações de todos os quadrantes do planeta; b) assim como as especificidades das diferentes nações e regiões. Essas especificidades, contudo, subordinam-se à unidade cultural, pois o singular é sempre uma forma de realização do universal. Logo, o singular refere-se, também, à escala adotada pelo pesquisador para realizar a abordagem da realidade humana: uma cidade, uma região, um país, um continente, etc. O singular é a manifestação, no espaço convencionado, de como leis gerais do universal operam dando-lhe uma configuração específica. Universal e singular, nessa perspectiva, são indissociáveis. Por isso, enquanto categorias científicas, devem estar presentes em todos os trabalhos de investigação, sob pena de se negar teor de cientificidade a qualquer elaboração que omita uma ou outra e, principalmente, a relação entre ambas. Se o singular é a forma singular de realização do universal, só iluminado pelo universal e através dele pode conter elementos que contribuam para cimentar a identidade entre os povos. A investigação científica, conduzida nessa perspectiva, tende a desempenhar um papel relevante não só no processo de integração latino-americana, mas da humanidade como um todo.



www.icgilbertoluizalves.com.br/